Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

ISRAEL

Suspense na formação do próximo governo

Gadi Eisenkot, líder da oposição de centro-direita, deve se reunir com o Partido Likud, hoje, para debater gabinete de unidade nacional. Cidadãos revelam expectativa de mudanças no comando do país e falam sobre desafios do novo premiê

» RODRIGO CRAVEIRO
Enviado especial

AFP



Pôster de campanha de Netanyahu na traseira de ônibus, em Jerusalém: parceria com Trump ressaltada

Jerusalém — Os cartazes com as fotos de Benjamin Netanyahu e de Gadi Eisenkot estão espalhados pelas ruas de Jerusalém, de Tel Aviv e pelas rodovias. São um lembrete de uma eleição legislativa que colocou o próximo líder de Israel em um dilema: fazer uma aliança com partidos árabes, aceitar os ortodoxos em um governo de união nacional ou realizar novo pleito. Nem Netanyahu nem Eisenkot conseguiu a maioria absoluta de assentos na Knesset (Parlamento). O prazo final para a formação do governo é 6 de dezembro. Eisenkot recebeu o apoio do ex-premiê Naftali Bennet para liderar um governo de unidade nacional e convidou o Likud, partido de Netanyahu, a uma maratona de negociações. As negociações devem começar no domingo (hoje) e refletem "um compromisso real em prol da formação do governo mais amplo possível", destacou o partido Yashar, de Eisenkot.

O processo eleitoral foi marcado por um intenso debate sobre as responsabilidades relacionadas ao massacre de 7 de outubro de 2023, quando mais de 5.500 militantes do grupo terrorista islâmico Hamas invadiram o sul de Israel em mais de 100 pontos da cerca fronteiriça, assassinaram 1.200 israelenses e sequestraram 251. A resposta de Israel, com uma guerra que matou 73 mil palestinos em Gaza, também custou críticas a Netanyahu. O conflito contra o Irã — e a sensação de que uma ameaça existencial persistirá até a queda do regime dos aiatolás — preocupa a população do Estado judeu.

Moradora do kibutz de Kfar Aza, a 1.800 metros de Gaza, a professora e psicóloga Carolina Eilon, 48 anos, viveu o pesadelo em 7 de outubro: ela e os dois filhos (de 7 e de 8 anos) se esconderam debaixo da cama, durante 23 horas, enquanto terroristas do Nukhba — força de elite do Hamas — matavam 64 pessoas e sequestravam 29. Carolina disse ao **Correio** que Eisenkot é o "candidato certo" a ser primeiro-ministro. "Três anos depois dos ataques, seguimos no modo 'sobrevivência', enquanto nação. O Hamas ameaça repetir o 7 de outubro. O próximo governo deve certificar-se de que é capaz de proteger a população do sul do país, especialmente as comunidades que vivem a menos de 2km da Faixa de Gaza", comentou.

Carolina destacou que os israelenses precisam de um líder em quem possam confiar, principalmente na área da segurança. "Netanyahu é experiente, contribuiu com muitas conquistas e façanhas do país, mas houve uma quebra de confiança entre os cidadãos do sul e o governo de 'Bibi'", lembrou, ao citar também a demora em abrir negociações com o Hamas para a libertação dos sequestrados. Ela defende que o próximo líder de Israel trabalhe em prol do desarmamento do Hamas.

"Prefiro o bom"

Em Majdal Shams, a maior das quatro comunidades drusas sírias restantes nas Colinas do Golã ocupadas por Israel, Laith Abu Saleh mostrou aos jornalistas a foto do filho, no local onde até 27 de julho de 2024 existia um campo de futebol. Às 18h30 daquele dia, Farj Laith Abu Saleh, 16 anos, e outras 11 crianças e jovens morreram em explosão de foguete disparado pelo movimento fundamentalista islâmico xiita Hezbollah. No local do campo foi construído um memorial em homenagem às vítimas. O ponto exato da queda do artefato está demarcado no solo, coberto com uma camada de ferro. Laith transformou a imagem de Farj em pingente. Perguntado pelo **Correio** se ainda acredita na paz entre os vizinhos, Laith disse que os drusos de Majdal Shams são um "povo pacífico". "Há lugar para todos no mundo. Espero que o que ocorreu com meu filho nunca mais se repita aqui", afirmou. Ele anseia por um próximo governo que acredite na paz mundial e que seja guiado pelo amor. Questionado se prefere Eisenkot ou Netanyahu, despistou: "Prefiro o bom".

O gaúcho Gabriel Schorr, 46 anos, trocou Porto Alegre pela cidade de Hadera (centro-norte de Israel), em 1999. O guia e agente turístico — de cidadania brasileira e israelense — disse ao **Correio** que seu candidato é Eisenkot. "Eu o considero um dos líderes mais preparados para conduzir Israel pelos próximos anos. Por um lado, Eisenkot possui sólida trajetória militar, pois comandou a tradicional Brigada Golani e ocupou o cargo de chefe do Estado-Maior das Forças de Defesa de Israel (IDF)", lembrou. "Por outro lado, suas raízes familiares marroquinas representam uma oportunidade histórica de fortalecer a união entre diferentes grupos étnicos da sociedade israelense."

Schorr disse que, além de ser uma figura respeitada e querida, Eisenkot tem o diferencial de combinar liderança firme, experiência e equilíbrio diante dos "enormes desafios" que Israel enfrentará nos próximos anos. Para o brasileiro, um governo comandado por Schorr representaria o fim de um longo período de domínio político do premiê Benjamin Netanyahu. "Pessoalmente, acredito que a permanência excessiva de qualquer líder no poder acaba sendo prejudicial à democracia. Por isso, espero que um novo governo promova a limitação do tempo de exercício do cargo de primeiro-ministro", observou.

Perguntado sobre os desafios que se impõem ao próximo chefe de governo de Israel, Schorr cita a necessidade de reconciliação nacional, a redução das divisões internas, uma solução mais justa para a questão do serviço militar para os ultraortodoxos e uma maior integração da população árabe e de seus representantes políticos", afirmou.

Garçonete em um restaurante de Jerusalém, Leora Siegel, 19, não votou nem em Gadi Eisenkot nem em Netanyahu. Preferiu Yaron Zelekha, líder do Novo Partido Econômico. "Ele era cotado ao Ministério das Finanças. Votei nele, pois os custos estão tão altos que as pessoas não conseguem viver. O objetivo de Zelekha era tornar o país mais habitável. Com as guerras, isso não vai parar. Precisamos arcar com os salários."

Leora acha que Netanyahu precisa deixar o comando da nação. "Ele está aqui há tempo demais. Eisenkot se aliará a pessoas com as quais não deveríamos contar, mas ainda assim é melhor do que Netanyahu. O mundo odeia Bibi. Todos odeiam Israel por causa de Bibi e da imagem que ele criou. Mesmo que Eisenkot não traga tantos benefícios, a saída de Bibi fará com que a percepção sobre Israel melhore. Netanyahu é corrupto." A garçonete espera que Israel se torne mais pacífico. "É difícil ter guerras o tempo todo."

O repórter viajou a convite da StandWithUs

Arquivo pessoal



Netanyahu é experiente, contribuiu com muitas conquistas e façanhas do país, mas houve uma quebra de confiança entre os cidadãos do sul e o governo de Bibi (Netanyahu)"

Carolina Eilon, sobrevivente do massacre no kibutz de Kfar Aza, a 1.800m da Faixa de Gaza

Arquivo pessoal



Considero Gadi Eisenkot um dos líderes mais preparados para conduzir Israel pelos próximos anos"

Gabriel Schorr, 46 anos, guia e agente turístico nascido em Porto Alegre. Mora em Hadera (centro-norte de Israel) há 27 anos

Rodrigo Craveiro/CB/D.A.Press



Espero um próximo governo que acredite na paz mundial e que seja guiado pelo amor"

Laith Abu Saleh, pai de Farj Laith Abu Saleh, 16 anos, um dos 12 garotos mortos por ataque do Hezbollah nas Colinas do Golã

Arquivo pessoal



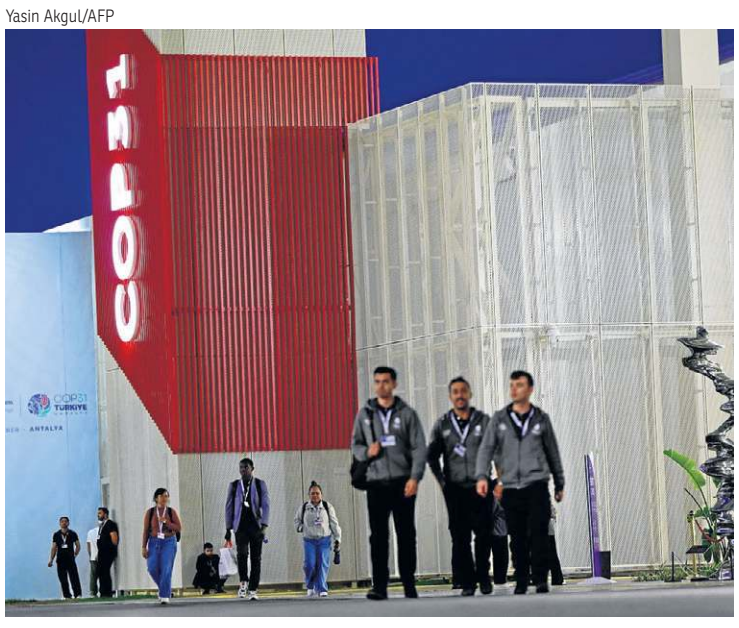
O mundo odeia Bibi. Mesmo que Eisenkot não traga tantos benefícios, a saída de Bibi do poder fará com que nossa percepção sobre Israel melhore"

Leora Siegel, 19 anos, garçonete em um restaurante de Jerusalém

COP31

Negociação trava e ameaça acordo

Yasin Akgul/AFP



Movimento no pavilhão do Antalya Expo Centre, na Turquia: decepção

A pior conferência do clima da história. Essa é a sensação comum a membros de delegações e a ativistas presentes na COP31, em Antalya, no sul da Turquia. Até o fechamento desta edição, a União Europeia (UE) e nações insulares do Pacífica se opunham à versão mais recente da minuta de um acordo — no texto, não havia qualquer citação à redução da demanda global por combustíveis fósseis, item considerado fundamental para a mitigação dos efeitos das mudanças climáticas. A sessão plenária teve início na madrugada deste domingo, mas foi suspensa até as 9h (3h em Brasília), quando os delegados votarão a última e terceira versão do texto final.

Em uma sinalização da dificuldade das negociações, alguns delegados cancelaram os voos de volta, marcados para hoje, e adiaram a viagem até amanhã. O prazo para um acordo se encerrou ontem. A COP mais longa da história foi a de Madri, em 2019, que se encerrou na tarde de domingo.

O jornal britânico *The Guardian* teve acesso a uma proposta da "coalizão progressista" — que inclui União Europeia, Reino Unido, nações insulares do Pacífico e países em desenvolvimento —, a qual deveria ser incluída no texto final. A proposta reforça a linguagem sobre como lidar em relação ao avanço no limite de aquecimento de 1,5 grau Celsius acima dos níveis anteriores à era industrial.

O ministro turco do Meio Ambiente e presidente da conferência, Murat Kurum, pediu um último esforço às quase 200 delegações. "Peço a todos que ajam com responsabilidade (...). Insistir em determinadas palavras e expressões e prejudicar este processo não beneficia ninguém", declarou o ministro, que incentivou os participantes a "chegar a um compromisso".

"Há várias disputas, mas a principal é entre a UE, fundamentalmente, e a Arábia Saudita" sobre uma possível menção ao abandono dos combustíveis fósseis e à tecnologia de captura de carbono da atmosfera, disse à agência France-Presse Li Shuo, analista do Asia Society Policy Institute (Aspi).

Ao mesmo tempo, o comissário europeu para o Clima, Wopke Hoekstra, afirmava que "ainda não há acordo, claramente". "É melhor não ter acordo do que ter um acordo ruim", enfatizou.

Controvérsia

Um dos pontos controversos é a inclusão, ou não, de uma referência à eliminação gradual do carvão, do gás e do petróleo na decisão política final, como ocorreu na COP28 de Dubai, em 2023. Na sexta-feira, França e Panamá promoveram um documento, assinado por 12 países, entre eles Espanha, Guatemala, Vanuatu e Costa do Marfim, que pede uma "transição clara".

Turquia e Austrália, que compartilham a presidência da conferência, defendem que o caminho para abandonar os combustíveis fósseis passa por uma maior eletrificação da economia, ampliando o espaço das energias renováveis e reduzindo as emissões.

A Turquia propõe elevar a participação da eletricidade no consumo global de energia dos atuais 23% para 35% até 2035. A UE pressiona para que fique claro que essa eletrificação deve ser "limpa", ou seja, proveniente de fontes renováveis. O bloco, no entanto, aderiu à meta turca de eletrificação, junto com mais de 60 países, entre eles Colômbia, Panamá, Uruguai, Equador e Guatemala.

A eletrificação de carros, edifícios e sistemas de refrigeração e aquecimento "pode reduzir a exposição aos riscos de abastecimento de combustíveis fósseis e diminuir as emissões", afirmou a Agência Internacional de Energia (AIE) em um relatório de setembro. Outro impasse é o financiamento dos países em desenvolvimento, que têm uma responsabilidade muito menor pelo aquecimento global, mas sofrem seus efeitos na forma de secas, inundações e ciclones.